



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS



MÁRCIA MARIA BEZERRA DA SILVA

**O REGIONALISMO LINGUÍSTICO EM “MENINO DE ENGENHO”: A EXPRESSÃO
DA IDENTIDADE NORDESTINA NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO**

ELESBÃO VELOSO

2024

MÁRCIA MARIA BEZERRA DA SILVA

**O REGIONALISMO LINGUÍSTICO EM “MENINO DE ENGENHO”: A EXPRESSÃO
DA IDENTIDADE NORDESTINA NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Jurema da Silva Araújo

ELESBÃO VELOSO

2024

S586r Silva, Marcia Maria Bezerra da.

O regionalismo linguístico em "Menino de engenho": a expressão da identidade nordestina na obra de José Lins do Rego / Marcia Maria Bezerra da Silva. - 2025.
44f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Núcleo de Educação a Distância - NEAD, Curso de Licenciatura em Letras Português, polo de Elesbão Veloso - PI, 2025.

"Orientador: Profa. Dra. Jurema da Silva Araújo".

1. Regionalismo. 2. Literatura Brasileira. 3. Nordeste Brasileiro. I. Araújo, Jurema da Silva . II. Título.

CDD 469.02

MÁRCIA MARIA BEZERRA DA SILVA

**O REGIONALISMO LINGUÍSTICO EM “MENINO DE ENGENHO”: A EXPRESSÃO
DA IDENTIDADE NORDESTINA NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Letras Português,
modalidade EaD, da Universidade
Estadual do Piauí, como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciatura
em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Jurema da Silva
Araújo

Aprovada em: ____/ ____/ ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. xxxxx– NEAD/UESPI – IFPI
Presidente

Prof. Me. xxxx – NEAD/UESPI
Primeiro Examinador

Profa. Esp. xxxx – NEAD/UESPI
Segunda Examinadora

Dedico este trabalho a Deus; sem ele eu não teria capacidade para desenvolver este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela força e inspiração ao longo desta jornada. A ele dedico cada conquista e superação alcançadas.

À minha família, pelo amor de sempre, apoio e paciência nos momentos desafiadores. Vocês foram meu porto seguro e minha maior motivação para seguir em frente.

Aos meus professores e orientadores, que compartilharam seus conhecimentos e me guiaram com dedicação, deixando marcas profundas no meu aprendizado, em especial uma pessoa que tenho hoje como amiga, a Claudete ela me ensinou muito, quanto mais nessa trajetória de percurso.

Aos meus colegas de curso, pela troca de ideias, apoio mútuo e momentos compartilhados que tornaram essa trajetória mais leve e significativa. E

por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Este trabalho é fruto de uma construção coletiva, e a cada um de vocês, minha eterna gratidão.

*A essência de um homem de verdade,
vem do pai pra formar um cidadão,
vem da mãe pra lhe dar educação,
e um menino vira homem caráter.
Macho véi, com muita sinceridade,
Eu lhe digo que aqui no meu sertão,
caráter e honestidade são coisas de criação,
tem família que sofre com sede e fome,
sem dinheiro, sem luxo e sem “sobrenome”,
12 filhos e nem um vira ladrão.*

Bráulio Bessa

RESUMO

José Lins do Rego é um renomado autor brasileiro, conhecido como um dos grandes nomes da Literatura Brasileira, particularmente no contexto do regionalismo literário. A presente pesquisa, visa identificar e discutir as marcas linguísticas regionais presentes na obra “Menino de Engenho”, como o uso de expressões idiomáticas e dialetais refletem as tensões sociais e as transformações ocorridas nesse ambiente a partir de uma análise da obra. A pesquisa permitiu constatar que o regionalismo linguístico na literatura brasileira ultrapassa o seu caráter estético, revelando-se uma ferramenta de crítica social, análise histórica e veneração cultural. Em “Menino de Engenho”, a oralidade se constitui como um elemento nuclear para a construção do discurso narrativo, que resgata e conserva a riqueza cultural do Nordeste, ao passo que expõe tensões e transformações de uma sociedade em crise. Autores como Arruda, Fraga Filho, Candido, dentre outros, articula passado e presente e convida o leitor a perceber a continuidade de uma luta cultural para o reconhecimento e para a valorização dessa cultura. Obras como “Menino de Engenho” confirmam que a literatura regionalista cumpre a função de resistência e de reafirmação de uma determinada cultura, espelhando a identidade cultural não apenas do passado, mas das aspirações e dos desafios de uma terra cuja gente se vê obrigada a lutar para resguardar sua identidade perante a globalização tão acentuada em nosso mundo. Assim, a literatura permanece um espaço primordial para a mediação, inclusão e valorização da diversidade da cultura brasileira.

Palavras-chave: Regionalismo. Literatura Brasileira. Nordeste.

ABSTRACT

José Lins do Rego is a renowned Brazilian author, known as one of the great names in Brazilian Literature, particularly in the context of literary regionalism. This research aims to identify and discuss the regional linguistic marks present in the work “Menino de Engenho”, how the use of idiomatic and dialectal expressions reflects the social tensions and transformations that occurred in this environment based on an analysis of the work. The research revealed that linguistic regionalism in Brazilian literature goes beyond its aesthetic character, revealing itself to be a tool for social criticism, historical analysis and cultural veneration. In *Menino de Engenho*, orality constitutes a nuclear element for the construction of the narrative discourse, which rescues and preserves the cultural richness of the Northeast, while exposing tensions and transformations of a society in crisis. Authors such as Arruda, Fraga Filho, Candido, among others, articulate past and present and invites the reader to perceive the continuity of a cultural struggle for the recognition and appreciation of this culture. Works such as “Menino de Engenho” confirm that regionalist literature fulfills the function of resistance and reaffirmation of a certain culture, mirroring the cultural identity not only of the past, but of the aspirations and challenges of a land whose people are forced to fight to protect its identity in the face of globalization so accentuated in our world. Thus, literature remains a primordial space for mediation, inclusion and appreciation of the diversity of Brazilian culture..

Keywords: Regionalism. Brazilian Literature. North East.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. REGIONALISMO LITERÁRIO NO MODERNISMO BRASILEIRO	12
1.1 O Regionalismo no Modernismo Brasileiro	12
1.2 José Lins do Rego e o Ciclo da Cana-de-Açúcar	15
1.3 A Representação literária do Sertão Nordestino	19
2. REGIONALISMO LINGUÍSTICO EM "“MENINO DE ENGENHO”"	22
2.1 O Uso da Linguagem Popular e Dialetal	22
2.2 A Oralidade na Narrativa	23
2.3 O Papel da Língua na Construção das Identidades Regionais.....	28
3. A FUNÇÃO SOCIOCULTURAL DO REGIONALISMO LINGUÍSTICO	30
3.1 A Língua como Registro Histórico e Cultural	31
3.2 A Crítica Social por Meio da Linguagem	33
3.3 O Regionalismo Linguístico na Literatura Brasileira Contemporânea.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

José Lins do Rego é um renomado autor brasileiro, conhecido como um dos grandes nomes da Literatura Brasileira, particularmente no contexto do regionalismo literário. Nascido em 1901 no estado da Paraíba, desenvolveu obras enraizadas na cultura em tradições comuns à realidade do Nordeste brasileiro, especialmente no contexto da cana-de-açúcar. A publicação da obra “Menino de Engenho” no ano de 1932 inaugura o movimento denominado de Ciclo da Cana-de-açúcar, composto por uma gama de romances que retratavam o declínio dos engenhos, tão comuns nessa região brasileira, e ao mesmo tempo apresentavam aspectos que retratavam diversas modificações sociais que ocorriam no sertão nordestino.

Uma das características mais marcantes das obras de José Lins do Rego é a presença de regionalismos, que perpassam o cenário social em que suas obras são desenvolvidas, mas também discorrem sobre as raízes, a psicologia e a linguagem. Segundo Holanda, Matos e Santos (2020), por intermédio da prosa de José Lins do Rego a língua portuguesa ganha tons, ritmos e expressões típicas da cultura nordestina, de modo a exaltar o povo sertanejo, contribuindo para o fortalecimento de uma identidade cultural e linguística particular.

Neste sentido, o regionalismo surge com a ideia de apresentação de um discurso que apresenta de modo prático e social as relações díspares, baseada em aspectos como o político-administrativo, o econômico, o midiático, o artístico, o científico, o turístico etc. E segundo Arendt (2015) o regionalismo é utilizado por grupos ou movimentos especializados para impor territorial e geograficamente os seus interesses, sejam eles, de natureza econômica, política ou cultural.

Por conta dos objetivos de sua utilização, o regionalismo parece estar em contínua tensão com elementos espaciais e temporais, uma vez que no seu ideal de elaborar representações de si e dos outros, acaba por discorrer sobre certas particularidades, delimitar um território e até mesmo, chega a definir relações dos indivíduos e o meio ambiente em que estão inseridos.

Nesse contexto, a construção literária baseia-se na ritualização da história e dos mitos fundadores, no culto aos heróis e na criação de monumentos ou atribuições emocionais a lugares de memória. De modo semelhante, ainda são estabelecidas crenças comuns de estipulação de posições e papéis sociais

normalmente ocupados por mulheres e negros. E por ter o intuito de apresentar uma releitura a esses papéis, tão negligenciados no contexto local, que o regionalismo visa transformar uma área geográfica – que pode ser desconhecida para uma parte do público – em um espaço social, marcado pela presença de atores relevantes para a realidade local.

No ciclo de regionalismo, Rego ocupa um papel de relevância, mas divide a divulgação do Nordeste com autores como Graciliano Ramos e Jorge Amado, uma vez que esses autores desenvolviam suas narrativas trazendo à tona temas relacionados à vida no sertão e à convivência com os desafios impostos pela terra, pelo clima e principalmente pelas estruturas e conjecturas sociais.

Diante disso, questiona-se: como o regionalismo linguístico contido na obra “Menino de Engenho” contribui para a construção de identidades culturais e sociais do sertão nordestino, e de que forma essa utilização da linguagem reflete as tensões sociais e as transformações ocorridas nesse ambiente?

Em virtude disso, a presente pesquisa, visa identificar e discutir as marcas linguísticas regionais presentes na obra “Menino de Engenho”, como o uso de expressões idiomáticas e dialetais refletem as tensões sociais e as transformações ocorridas nesse ambiente. E como objetivos específicos, buscou-se: analisar a importância da oralidade na construção dos diálogos e das relações entre os personagens; explorar como a linguagem reflete as transformações sociais e culturais no contexto do engenho e do sertão nordestino; e avaliar o papel da língua como elemento de preservação e valorização da cultura regional.

O estudo do regionalismo por meio da obra “Menino de Engenho” justifica-se pela necessidade de aprofundar-se no entendimento de autores que descrevem a região nordeste, mas também recriam uma sociedade por meio da linguagem, e enquanto discente de letras português, entender o papel das marcas linguísticas regionais, expressões idiomáticas e da oralidade dos personagens são elementos fundamentais para o entendimento do uso da linguagem na construção de uma narrativa social, que vai além de uma simples história sobre o engenho, mas trata-se da descrição cultural e social da formação da sociedade nordestina, reverbera até a atualidade.

Para desenvolver a presente pesquisa, adotou-se uma metodologia de caráter qualitativo, baseada na construção de uma revisão bibliográfica sobre o ciclo da cana-de-açúcar e suas peculiaridades literárias no contexto brasileiro, bem como

uma análise textual e linguística da obra em voga. E para atender aos objetivos propostos, serão selecionados trechos da narrativa que representem a uso do regionalismo e expressões idiomáticas típicas do nordeste brasileiro. De modo, que a análise será fundamentada em teorias sobre regionalismo desenvolvida por autores como Antonio Candido (1999), Roberto Schwarz (2000) e Luiz Costa Lima (2023), reconhecidos por discutirem o papel do regionalismo na construção da literatura brasileira.

Essa monografia será desenvolvida em três capítulos, de modo que no primeiro busca-se apresentar uma contextualização histórico-literária do regionalismo no Modernismo Brasileiro, sobretudo na obra de Rego e no contexto do ciclo da cana-de-açúcar. Em seguida, busca-se realizar uma análise do uso da regionalidade e expressões linguísticas na obra em estudo, e a relação existente entre o emprego dessas expressões e a construção das relações sociais vigente entre os personagens.

E no capítulo três, pretende-se discutir o papel da língua como um elemento norteador da preservação cultural e avaliar de que forma, este instrumento de comunicação atua como uma crítica social na apresentação de tensões e transformações sociais retratadas na obra de José Lins do Rego.

1. REGIONALISMO LITERÁRIO NO MODERNISMO BRASILEIRO

1.1 O Regionalismo no Modernismo Brasileiro

O Movimento Modernista brasileiro surge oficialmente na década de 1920 a partir da realização da Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922, sendo este evento coroado o marco do movimento no Brasil e rompendo com aspectos marcantes do Romantismo e destacando traços do Parnasianismo e Simbolismo. Segundo Arruda (2011), a realização deste evento revolucionou a maneira de pensar vigente, sobretudo no âmbito da arte e da literatura, sendo marcado pelo rompimento aos padrões estéticos e tradicionais vigentes até então.

Esse movimento nasce no Brasil a partir de inspirações europeias em aspectos como futurismo, cubismo e surrealismo, mas que nacionalmente foi capaz de romper a estética europeia e adotar características da identidade nacional, sobretudo porque uma das principais bandeiras do movimento era a valorização da cultura nacional e a rejeição de padrões europeus tradicionais. Para tanto, os modernistas da época buscaram inovar na literatura, artes plásticas, música e arquitetura e passaram a trazer à tona temas e formas que retratassem a realidade local.

Entre as inovações do movimento, destaca-se a valorização da linguagem coloquial e o desejo de desenvolver uma arte nacional que pudesse retratar a sociedade brasileira e ser compreendida por ela. Pois na visão de autores da época como Mário e Oswald de Andrade, era de suma importância que a literatura brasileira fosse capaz de retratar a diversidade nacional, e discorrer sobre crenças, folclore e a sociedade da época, visto que a missão do modernismo era tornar o Brasil consciente de si mesmo e afirmar-se em sua própria cultura, livre de influências estrangeiras (Fraga Filho, 2014).

Os modernistas defendiam que o Brasil, enquanto país continental e diverso, apresentava um grande potencial de divulgar sua diversidade étnica e geográfica e, desta forma, contribuir para a produção cultural mundial, e mais do que isso, passar a valorizar-se enquanto brasileiros, perdendo muitos dos traços de divisão marcados na “Casa Grande e Senzala” que tanto amordaçavam a cultura nacional.

Nesta perspectiva, obras como “Macunaíma” de Mário de Andrade e os ensaios de Oswald de Andrade, como o “Manifesto Antropofágico” denotavam o

esforço dos artistas brasileiros em seguir as tendências do Modernismo Europeu, mas ao mesmo tempo romper com o velho mundo para trazer mais “brasilidade” às suas obras, construindo uma literatura nacional mais autêntica. Tanto que a ideia de Oswald de Andrade com o "Manifesto Antropofágico" era absorver – devorar – inspirações externas, e transformá-las em aspectos únicos da literatura nacional.

O movimento modernista brasileiro não limitou suas inovações a aspectos estéticos, mas buscou caracterizar a diversidade nacional por meio das tensões sociais da época. Os autores modernistas usavam suas obras para denunciar injustiças sociais, tratar de temas intocáveis e questionar as estruturas de poder vigentes. Arruda (2011) aponta que este movimento passou a ser caracterizado pela sua capacidade de dar voz a grupos marginalizados e chamar atenção para questões como desigualdade, preconceito racial e exploração econômica.

Por conta desse romper literário, os artistas e escritores nacionais deste movimento passaram a adotar uma postura mais criativa, permitindo a experimentação de novas formas, temas, fontes para descrever suas realidades a partir de críticas sociais, análises psicológicas e valorização da diversidade brasileira a partir do regionalismo.

O termo “regionalismo” pode ser caracterizado como o uso de características regionais – de local, costumes ou discursos – para prestar homenagem a uma área específica dentro de um texto, muitas vezes fazendo com que a região em si se torne um personagem da história. Pois para Fraga Filho (2014), a narrativa de uma região pode apresentar caráter e personalidades completamente distintos de um conto semelhante, mas ocorrido em outra região.

Esse movimento surgiu no contexto do Modernismo nacional como reação a diversos tipos de tendência da valorização de aspectos sociais do Brasil, uma vez que pretendia retratar algumas particularidades culturais, sociais e geográficas de diferentes regiões do Brasil, sobretudo a aspectos que refletiam o sertão nordestino, que desde o início da colonização do país, apresentava-se como uma região rica em potenciais ambientais e riquezas, mas sempre foi bastante marcada por profundas desigualdades sociais e por um ambiente físico desafiador.

Segundo Azoubel et al., (2006, p. 03):

A partir das décadas de trinta e quarenta, A Literatura Brasileira conheceu a primeira grande corrente estética (...) trata-se da literatura de temática regionalista, voltada principalmente para o Nordeste e que tem como principal motivação a questão social. A terra, a miséria, o povo sofrido e desesperado foi apenas alguns dos numerosos temas envolvidos por essa

vertente literária que, não afã de realizar um quadro social completo de nossas áreas não urbanizadas, acabou por ler à literatura nacional das obras de cunho verdadeiramente cosmopolita.

A partir da adoção de aspectos regionalistas, os autores modernistas tiveram a possibilidade de trazer à tona as tradições, os conflitos e as condições de vida de áreas pouco conhecidas no cenário literário nacional. Para Arruda (2011), a escrita regionalista tinha o objetivo de retratar de forma fiel a vida de uma determinada região, a para tanto, adotava uma linguagem capaz de refletir as nuances locais e destacando os costumes, crenças e modos de vida dos personagens inseridos nesse ambiente.

No contexto do regionalismo, destacam-se autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Jorge Amado, pois, dentro de suas realidades, cada um apresentou uma contribuição única para a representação de problemas sociais e realidades regionais, especialmente do Nordeste. Entende-se que os autores citados desenvolveram uma literatura rica e profunda, capaz de apresentar as particularidades culturais, sociais e econômicas dessa região, criando uma ponte entre a arte literária e as questões sociais que permeavam a vida rural.

Graciliano Ramos, trouxe o sertão nordestino para o centro da literatura nacional por meio de escritos como "Vidas Secas" (1938), em que o autor aborda de maneira crua e direta as principais consequências da seca e da pobreza na vida sertaneja, e a principal característica dessa obra é a utilização de uma prosa econômica e precisa. Em sua narrativa, Graciliano Ramos busca ser profundamente realista, enquanto revela as duras condições de vida no sertão e, ao mesmo tempo, tece uma crítica afiada às estruturas de poder que perpetuam a miséria, uma vez que o próprio autor afirmava que a seca queima mais do que a pele, ela queima as almas e destrói sonhos.

Rachel de Queiroz, por sua vez, foi a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras, e contribuiu no contexto do regionalismo com a obra "O Quinze", publicada em 1930. Neste romance, a autora retrata o impacto da seca de 1915 no estado do Ceará, e combina a ideia de uma forte crítica social a uma visão humanista sobre o sofrimento e a luta pela sobrevivência do povo sertanejo, além de destacar que a seca tem consequências que ultrapassam a seara ambiental, demonstrando sua capacidade de desagregar famílias e comunidades inteiras, uma

vez que o pensamento da autora em relação ao contexto da seca refere-se ao fato de que esse fenômeno é uma sentença que pesa sobre os que menos têm.

Jorge Amado ambientou suas obras no contexto da Bahia e trouxe uma vasta gama de temas regionais para a literatura brasileira, explorando as tradições e os problemas sociais do Nordeste. Suas obras de destaque são *Capitães da Areia* (1937) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), em que o autor discute questões sociais e econômicas da Bahia, combinando a crítica às injustiças com uma celebração da cultura popular local. Em seus romances, o principal objetivo do autor, é retratar a resistência dos oprimidos a partir de uma dignidade pessoal e cultural que contrasta com a brutalidade do sistema que os explora, demonstrando que o sertanejo, mais do que um forte, é um sujeito com sentimentos e caráter.

José Lins do Rego é um autor nordestino amplamente reconhecido por suas obras que retratam o declínio dos engenhos de açúcar no Nordeste, pois nasceu e criou-se em áreas de engenho, filho e neto de uma terra que promovia a transformação da cana em açúcar, o autor desenvolveu suas obras revelando as transformações sociais e econômicas que esse processo trouxe para a região. Iniciou uma série de romances, conhecidos como *Ciclo da Cana-de-Açúcar* com a obra “*Menino de Engenho*”, considerada uma verdadeira imersão na vida nos engenhos, e marcada por uma linguagem rica em expressões regionais e, destacando as tensões entre a tradição e a modernidade que atravessavam aquele momento histórico de decadência do modelo econômico baseado na monocultura do açúcar, em que o autor expunha como as estruturas sociais eram afetadas.

Por conta dos aspectos apresentados, o Movimento Modernista, e tendências regionalistas promoveram diversos impactos duradouros no cenário cultural e artístico nacional, influenciou gerações de artistas, escritores e intelectuais, abrindo espaço para a renovação artística no país. Para Candido (1993), o modernismo trouxe uma nova consciência crítica e reflexiva, permitindo que o Brasil finalmente se olhasse no espelho e enxergasse suas contradições.

1.2 José Lins do Rego e o Ciclo da Cana-de-Açúcar

José Lins do Rego, nascido em 1901 no sertão da Paraíba, consolidou-se como um personagem central da literatura brasileira, pela forma e postura de

representação da realidade nordestina. O escritor paraibano, foi criado em um engenho de açúcar, que após serviu de inspiração para sua obra literária, demonstrando que suas experiências pessoais e perspectiva existencial nesse espaço rural formou o imaginário que originaria o Ciclo da Cana-de-Açúcar, dado pelo conjunto de romances que retratam a derrocada dos engenhos e das transformações sociais que ocorriam no Nordeste no decorrer da primeira metade do século XX (Montello, 2001).

Durante o desenvolvimento das obras que compõem o Ciclo da Cana-de-Açúcar, Rego não explora unicamente as estruturas econômicas em declínio, mas destaca o comportamento social e humano dentro do engenho, sobretudo os padrões existentes nas relações entre patrões e trabalhadores, expressando uma duplicidade que não se limita ao retrato da decadência rural. Este ciclo literário é composto por cinco livros: "Menino de Engenho" (1932), "Doidinho" (1933), "Bangüê" (1934), "O Moleque Ricardo" (1935) e "Usina" (1936), de modo que os livros traçam juntos o percurso de Carlos de Melo, protagonista que em muitos aspectos, é uma representação do próprio autor.

"Menino de Engenho" o primeiro romance do ciclo narra a infância de Carlos, órfão de mãe, que vai viver no engenho do avô, após o pai ter assassinado a esposa por ciúmes. Essa obra inaugura não só o ciclo como introduz o tema da decadência do engenho de açúcar que se expande ao longo das obras restantes do ciclo. Como observa Antônio Candido "a decadência do engenho é símbolo da derrocada de um sistema social e econômico arcaico e ao mesmo tempo, uma metáfora da revolução do Nordeste Brasileiro" (Candido, 1993).

Nesse primeiro romance, a narrativa gira em torno do jovem Carlos, a criação de Carlos é moldada pelas regras sociais e sexuais do ambiente da usina de cana-de-açúcar, e neste cenário, o personagem aproveita a desordem do engenho para explorar uma infância livre, sem restrições de controle, e sua sexualidade logo desperta em interações lúdicas com outros meninos e as mulheres negras da fazenda.

No "Menino de Engenho", Rego utiliza-se de uma linguagem carregada de regionalismos e retrata com minúcias o cotidiano dos engenhos, o que lhe proporciona um caráter quase autobiográfico (Silva, 2018). O engenho aparece como um microcosmo, onde suas tradições e relações de poder são rigidamente mantidas, mas ao mesmo tempo, tais tradições começam a apresentar sinais de

desgaste. A escritura de Rego é marcada pela oralidade de sua prosa, que confere autenticidade ao retrato do universo do engenho. Carlos, o protagonista, observa e vive neste universo, vivenciando ao mesmo tempo o lado confortável de ser parte da classe dominante e o desconforto com as mudanças que estão por vir.

Outro aspecto relevante da obra, esta embasada no fato de que a história é contada da perspectiva de uma criança da classe dominante, e a maneira apaixonada com que a narrativa é construída se assemelha ao estilo pitoresco encontrado em "Poemas Negros" de Jorge de Lima. No entanto, esse foco na cultura local continua nas primeiras obras de Rego até assumir um tom mais pessimista em "Fogo Morto", onde os conflitos humanos se tornam mais proeminentes, e o pitoresco dá lugar ao reconhecimento do declínio do Nordeste. As impressões iniciais do menino são substituídas pelas reflexões intelectuais de um adulto que toma consciência da estagnação agrária da região, impulsionada por um sistema de clientelismo controlado pela igreja e pelas elites locais.

Luciana Stegagno Picchio traz à tona a significância de José Lins do Rego para o estabelecimento do regionalismo no Brasil, sustentando que:

(...) a realidade nordestina dos engenhos, em José Lins, transforma-se em realidade universal. O escritor consegue ir além do local (...) ao trazer temas como o colapso das estruturas sociais e o impacto psicológico da modernidade" (Picchio, 1997, p. 34).

De fato, durante todo o Ciclo da Cana-de-açúcar, o engenho passa de símbolo de poder econômico para representação da resistência contra o progresso, onde personagens como o avô de Carlos, José Paulino, se negam em largar a tradição, mesmo com a ruína crescente ao seu redor.

No segundo romance do ciclo, "Doidinho" (1933), o autor continua a narrar a vida de Carlos, agora em um internato. Nesse volume, a temática da obra explora com mais profundidade o amadurecimento e os conflitos psicológicos do protagonista, que tenta descobrir seu lugar no mundo e as transformações sociais que começam a interferir em seu modo de vida. Em "Bangüê" (1934), a decadência do engenho é bastante marcante e Carlos, adulto, enfrenta diretamente os conflitos entre passado e presente, em particular no que diz respeito às novas relações de trabalho que se estabelecem no Nordeste. Rego realiza uma análise social mais incisiva, que denuncia as desigualdades que estão presentes na vida do engenho e

os reflexos das mudanças econômicas na região. Alfredo Bosi corrobora essa perspectiva ao afirmar que "o ciclo de José Lins do Rego é a grande epopeia do fim dos engenhos. Ele dá voz à crise de uma classe que não se adapta à nova ordem econômica, que tenta agarrar-se às suas raízes" (Bosi, 2002, p.05).

Em "O Moleque Ricardo" (1935) e "Usina" (1936), o foco se torna mais amplo, abrangendo a luta das questões pessoais de Carlos e as questões coletivas que envolvem a economia do açúcar. No último romance do ciclo, "Usina", temos uma visão mais global do processo de industrialização que começa a transformar os engenhos em usinas, o que representa a modernização do Nordeste e o fim definitivo de um sistema que durou por séculos. O personagem-título, agora situado em meio à transformação da paisagem rural, se defronta com os conflitos decorrentes da colisão entre a tradição e a modernidade. "José Lins do Rego é, com esses romances, o responsável pela narrativa do declínio, mas também da transformação de uma cultura e de uma sociedade", como analisou Nádia Gotlib (Gotlib, 2005).

Ao longo das obras do Ciclo da cana-de-açúcar, Rego elabora uma análise acurada das mudanças socioeconômicas ocorridas no Nordeste, principalmente da decadência de um modelo rural e seu efeito sobre a vida das pessoas que trabalhavam nas proximidades do engenho. Suas obras extrapolam a temática regionalista, versando sobre questões universais como a passagem do tempo, a transformação social, a modernização do mundo. O vigor de sua narrativa repousa, precisamente, no modo como entrelaça e entretece memória e crítica sociais, aliando o engenho ao símbolo do conflito entre a tradição e a modernidade. Seu ciclo não só resume uma fase histórica do Brasil, quanto pode também ser visto como um estudo sobre o próprio destino das culturas e tradições, consumidas pela modernidade.

Sua memória e observação aguçada contribuíram para a forma poética com que ele narrou os costumes do Nordeste brasileiro. Portanto, sua conexão com seu passado desempenha um papel crucial na formação de sua obra, que é repleta de personagens vibrantes e coloridos vistos pelas lentes de um jovem garoto. Seus elementos biográficos são integrados a uma vigorosa narrativa ficcional, que se torna cada vez mais crítica com o passar do tempo. Ao contrário da experimentação estética de Graciliano Ramos, José Lins do Rego se considerava um escritor espontâneo e instintivo.

1.3 A Representação literária do Sertão Nordestino

O clima e as condições sociais e econômicas do sertão nordestino sempre foram temáticas importantes e relevantes no contexto da literatura brasileira. Ao longo do século XX e início do século XXI, muitos escritores do Nordeste Brasileiro descreveram a região de diversas formas e são capazes de explorar a sua cultura, tradições e política e utilizaram diferentes formas de escrita para representar várias realidades. Autores como Euclides da Cunha, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna e Raimundo Carrero vão além das simplificações e estereótipos que as notícias muitas vezes apresentam, oferecendo ao leitor um panorama diversificado da região Nordeste sob diferentes perspectivas.

Um dos primeiros e mais importantes registros do Sertão são descritos na obra “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha. Embora esse autor não fosse nordestino, seu trabalho é importante para quem quer entender a complexidade da região, trata-se de uma obra escrita numa perspectiva naturalista (Maia; Santos, 2023). “Os Sertões”, descreve a Batalha de Canudos por meio de pesquisas no campo dividindo o livro em três partes: Terra, Povo e Batalhas, de modo que o autor retrata o sertanejo como um “homem forte”, um homem como o país árido e que luta constantemente para sobreviver. Sua investigação e cuidado crítico dos conflitos internos de Canudos e de seu povo no contexto da resistência do povo ao estado debilitante de violência e opressão, ao mesmo tempo em que o autor reconheceu que estas pessoas lutavam num ambiente turbulento e difícil, sobretudo ao afirmar que, o sertanejo é acima de tudo, um forte (Cunha, 1902).

Por meio da poesia e da modernidade, João Cabral de Melo Neto também dedicou grande parte de suas obras ao Nordeste, especialmente ao interior. Seu poema “Morte e Vida Severina” (1955) é uma das obras mais emocionantes sobre a vida no campo. Utilizada hoje como fonte de pesquisa literária, Cabral criou uma história que, de forma seca e direta, acompanha a jornada de Severino, um rebelde em busca de uma vida boa, apenas para encontrar no caminho o sofrimento e a morte. “Morte e vida Severina” é uma obra que questiona a condição humana no país e mostra como a escassez e a falta de oportunidades criam a esperança de vida. Porém, no final do poema, o autor também mostra que apesar das adversidades, ainda há vida nas redondezas, o que mostra a força do povo do

Oriente. “Aprendi que a vida é forte em quem parece mais fraco”, disse o autor, referindo-se às lutas do povo do país (Melo Neto, 1955, p.17).

Outro escritor importante no contexto da descrição nordestina, mas que utilizou método diferente foi Ariano Suassuna em “Auto da Compadecida” (1955). Suassuna, parte do movimento do realismo regional e fantástico, combina com sucesso a formação com a cultura popular e a religião do Nordeste, usando o humor e imagens populares para abordar questões importantes como a luta pela vida, a desigualdade e a religião. A obra, que é um filme, descreve as experiências de João Grilo e Chicó, dois pobres que, com seus talentos, tentam sobreviver em meio à injustiça e à injustiça. Com sua personalidade ímpar, Suassuna introduziu a crítica social e ao mesmo tempo incentivou a criatividade e o humor do povo do Nordeste, que considerava importantes para o país. “Eu quero mostrar o valor do povo simples, que muitas vezes é subestimado, mas que carrega consigo uma sabedoria imensa”, disse Suassuna (Suassuna, 1955).

No final do século XX e início do século XXI, Raimundo Carrero trouxe uma nova perspectiva sobre o remoto através de sua obra “A Minha Alma é Irmã de Deus” (1994) e introduziu partes do mundo moderno na realidade local. O autor usa o campo como pano de fundo simbólico para explorar o declínio moral e a crise de identidade dos personagens para discutir as preocupações do mundo moderno. No seu trabalho, lugares remotos tornam-se lugares físicos, mas também metáforas de solidão, isolamento e conflito interno. “A alma do sertão é uma extensão da nossa própria alma, cheia de contradições e mistérios” Carrero reflete isto na sua discussão sobre o estado interior de seus personagens e a complexidade psicológica envolvida na comunicação (Carrero, 1994).

Por mais que a literatura do Nordeste apresente muitas histórias, do naturalismo de Euclides da Cunha ao realismo de Ariano Suassuna, ao modernismo de João Cabral e ao pós-modernismo de Raimundo Carrero, muitos dos espetáculos notáveis desta região não são descritos pela mídia. Uma vez que esse meio, centra-se sempre na pobreza e na seca e ignora a diversidade cultural e social da região. Ao concentrar-se apenas nas dificuldades da riqueza, os meios de comunicação social criam situações que reforçam a imagem do nordeste como pobre e fraco.

O preconceito continua a degenerar a imagem do povo nordestino e a obscurecer as suas realizações e património cultural. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “A mídia, ao destacar apenas a pobreza e a seca, reforça a

ideia de que o Nordeste é um espaço marcado pelo fracasso, sem valor ou potencial, desconsiderando sua diversidade cultural, suas tradições e seu papel fundamental na construção da identidade nacional na construção da identidade (Albuquerque Júnior, 1999), da cultura e dos recursos humanos. Além disso, essas representações midiáticas promovem ideias errôneas sobre a região, desviando a atenção das diversas formas de resistência, criatividade e inovação na área.

Neste cenário, evidencia-se cada vez mais a importância de que as notícias, sejam elas jornais ou meios de comunicação, continuem a mostrar a diversidade e a precisão do Nordeste, reconhecendo a luta. Não há seca ou pobreza que paralise o sertanejo, e conforme descrito por Milton Santos, “não é a seca que define o sertanejo, mas sim sua capacidade de resistir e se reinventar a partir das dificuldades” (Santos, 2000, p. 64). É, portanto, importante que tanto os jornais como os meios de comunicação social se esforcem por destacar a complexidade e a riqueza da região, em vez de suprimirem os estereótipos, e que obras literárias que fortalecem a cultura local sejam divulgadas.

2. REGIONALISMO LINGUÍSTICO EM "“MENINO DE ENGENHO”"

A língua é um sistema de signos estreitamente vinculado às relações sociais, dado que a comunicação humana ocorre em grande parte por palavras, e estas, de acordo com Rodrigues (2016) são um produto do processo cognitivo pelas quais a experiência dos dados sensoriais de um grupo é disposta.

Os signos léxicos desempenham o papel de transmissão da representação, e no contexto linguístico são entendidos como um sistema estruturado de categorias léxico-gramaticais, funcionando como um mecanismo de percepção e interpretação da realidade. O léxico está em constante alteração e novas palavras aparecem, outras desaparecem ou mudam seus significados, o que significa que o falante pode interagir com sua realidade social (Fiorin, 2024).

Esse processo é conduzido pelos próprios usuários da língua que, ao satisfazer suas necessidades de comunicação, concedem uma nova dimensão ao léxico, formando a semântica da língua. Rodari (2021, p. 14) esclarece que é importante ressaltar o papel dos escritores e poetas que, de modo criativo, concedem novas conotações ao léxico, muito frequentemente repletas de regionalismos. O autor ainda enfatiza que “no processo de aquisição de idioma, o léxico é o domínio no qual a aprendizagem jamais é interrompida ao longo de toda a vida do indivíduo”.

Assim, o léxico é introduzido na mente dos falantes, completando-se devido à experiência e à observação do mundo. E no que diz respeito a obra em análise, no projeto inicial do autor, seu objetivo não era o de escrever um romance, mas o de produzir o perfil biográfico de seu avô, o coronel José Lins, que era o símbolo de patriarcalismo rural dos senhores de engenho da senzala.

Rego transformou essas memórias em uma biografia romanesca, criando um universo ficcional em torno do engenho Santa Rosa, e suas memórias rurais da infância se tornaram os heróis desta história. Tanto que Marques (2015) descreveu a obra como um livro pungente é de uma realidade profunda, de modo que nada há que não seja o espelho do que se passa na sociedade rural e nas das cidades do Norte e do Sul, ocorrendo em todo o Brasil e um pouco de todo o mundo.

O autor das memórias, através da força da descrição, apresentou uma série de informações associadas a ocorrentes sociais, às atividades comuns de um engenho de açúcar, às relações entre o patrão com os trabalhadores e as atividades

domésticas que evidenciam a autoridade patriarcal do patrão. Esse realismo tão forte se deve principalmente à capacidade de José Lins do Rego de mesclar componentes naturais à narrativa – não para a mera apresentação de fundo, mas tornando-se um elemento de substância atmosférica, solidificando a conexão entre as características de um engenho e as pessoas que moram lá.

Através do engenho Santa Rosa, o autor oferece um novo ângulo de visão da vida daquela região, do engenho, de seus habitantes que lá residem, e a resistência que sempre lá morou. Rego era do que é frequentemente as chamadas gerações de 30, e apesar de toda a sua literatura ser fundamentada de regionalismo brasileiro, ele conseguiu uma reviravolta em sua apresentação – enquanto outras pessoas lhe deram importância à natureza e à fauna e flora, sendo capaz de dar prioridade às pessoas e a todas as circunstâncias linguais, culturais e sociais (Fiorin, 2024).

Para Costa (2015), Rego é conhecido por representar a fala, o comportamento e as atitudes do seu povo de forma muito precisa, utilizando-se de uma linguagem muito rica no léxico regional e popular mas sem abandonar as normas do padrão culto da língua. E é com base nessas afirmações que o próximo item busca entender o uso do regionalismo na literatura, e quanto ao restante, aprofundar no assunto aplicando à obra em questão.

2.1 O Uso da Linguagem Popular e Dialeto

Em primeiro lugar, o uso da linguagem popular e dialetal é imprescindível para a formação da literatura brasileira, uma vez que aproxima a narrativa da realidade cultural e social do país e da diversidade linguística nacional. Souza (2013) enfatiza que o uso de dialetos regionais permite uma visão autêntica da sociedade brasileira, imbuindo as personagens e os cenários de muitos detalhes que refletem a complexidade cultural do país. Além disso, Rodrigues (2016) destaca que a diversidade de vozes e expressões cria um “plurilinguismo” que aumenta o senso de verossimilhança e reforça o diálogo entre literatura e cultura. Da mesma forma, Marques (2015) reforça que o uso de termos e expressões populares na novela de autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado não apenas aprofunda a história, mas também preserva a singularidade regional, permitindo que a literatura brasileira permaneça plural.

Assim, a linguagem popular e dialetal não apenas torna as histórias autênticas e convincentes, mas também as aproxima das tradições e identidades locais, estabelecendo o regionalismo como uma característica paradoxal da cultura literária do Brasil.

Na Região Norte, Dalcídio Jurandir, com *Belém do Grão-Pará*, descortina a vida amazônica e suas intrincadas relações entre o homem e a floresta, o autor apresenta a vida nortista frente à peculiaridade da cultura amazônica e a forma peculiar de se relacionar com o ambiente em que vive. Na Região Sul, Simões Lopes Neto, em *Contos Gauchescos*, traz à tona a vida gaúcha e suas tradições. Relatos de um homem pecuarista, cujos costumes e uma identidade acirrada são explícitos na obra, marcada por personagens que representam a coragem e o regionalismo do pampa (Souza, 2013).

No Sudeste, Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*, leva o leitor ao sertão mineiro, onde Riobaldo, retrata os personagens e as histórias da região permeia através de nossas mentes uma visualização precípua do interior do Brasil com suas lendas, geografia e tudo mais. Tais elucidações constituem um retrato brasileiro verdadeiramente autêntico. Todas essas obras servem para públicos de todas as idades, sem restrição, e amplia o conhecimento sobre o Brasil enquanto país. Na visão de Pelinser e Alves (2020), obras como essas fornecem um retrato verdadeiro de nossa história e não há dúvida de que essas influências regionais que culminaram na ideia do regionalismo são eficientes e ricas culturalmente.

Paralelamente a essa forma de retratar suas realidades, ao referir-se à luta pela sobrevivência no sertão, Graciliano Ramos sempre utiliza a linguagem direta e econômica, enquanto José Lins do Rego e a cena frequente de caranguejos citam a variedade de linguagem do povo para descrever o mundo dos engenhos coloniais e a complexidade da hierarquia social.

Graciliano emprega linguagem seca e objetiva em *Vidas Secas* para traduzir a dureza da vida sertaneja, entre outros termos, “fabriqueta” e “soldado amarelo” com o intuito de designar elementos regionais e fortalecer o realismo da narrativa (Vicentini, 2015). Em contraposição, Rego apresenta um vocabulário mais variado e carrega suas descrições com expressões populares que ambientam o leitor no universo cultural do Nordeste açucareiro.

Em “Menino de Engenho”, termos no capítulo “São Sebastião”, representando a fé católica popular, e “Poço das pedras”, ponto de referência

geográfica, conseguem ilustrar a ligação dos personagens com a paisagem e a cultura local.

Neste mesmo pensamento, Rachel de Queiroz, em *O Quinze*, também se utiliza do dialeto regional e linguagem do sertanejo para descrever a vida dos retirantes da grande seca de 1915. A autora se aproxima do falar popular ao utilizar termos como “cabrito” e “mandacaru” que remetem à geografia nordestina e ao imaginário popular da seca (Carlos; Lopes; Silva, 2018).

Enquanto Queiroz emprega uma linguagem mais próxima do popular para incentivar a oralidade dos personagens e reforçar a resistência deles, na descrição da “secação”. No entanto, enquanto a autora emprega uma linguagem mais direta e focada nas várias dimensões do desafio da seca, José Lins do Rego, ao utilizar expressões populares e léxico específico dos engenhos, como “carreiro” e “capineiro” para sugerir uma relação social na qual o sistema do engenho é fundamental para a definição da vida cotidiana dos personagens.

Essas referências revelam o papel do aumento do espaço do trabalho como característico da vida naquela região. Além disso, a comparação com *Macunaíma* de Mário de Andrade identifica diferenças importantes na abordagem do regionalismo. Usando a antropofagia cultural para reunir elementos de várias culturas e regiões do Brasil, Andrade cria uma linguagem híbrida e inventiva que ainda aborda neologismos nele, enquanto Rego mantém um vocabulário único para o Nordeste, mudando muito pouco ao longo de seus vários romances para preservar e aumentar a identidade do sertão paraibano (Vicentini, 2015).

Enquanto Andrade aproveita uma mistura de dialetos e gírias, apresentando a diversidade linguística brasileira para integrar em uma fusão cultural, expressando uma busca identitária nacional, em “Menino de Engenho”, Rego, ao contrário, o foco é preservar o modo de falar do nordestino dos engenhos. Todas as palavras inventadas ou referentes a outras línguas, em vez de trazer a cultura brasileira para a vanguarda, imergem o leitor no universo cultural nordestino, sem realmente integrar outros dialetos ou inventar novos termos.

Outros escritores regionalistas, como Jorge Amado, em “Capitães da areia”, também usam um vocabulário típico da região para descrever a vida dos personagens. Com uma abordagem semelhante à do autor de “Menino de Engenho”, a especificidade das obras de Jorge Amado referem-se que o léxico popular utilizado pelo autor referem-se ao povo baiano, usando expressões como

“capadócio” e “malandro” para descrever seus personagens, que tipicamente presenteiam a vida da população camadas. De qualquer forma, Amado usa um tom muito mais coloquial e informal, enquanto Rego cria um vocabulário preservando a perspectiva de estrutura padrão linguístico.

Rego apresenta um repertório vasto de palavras e expressões regionais para criar uma visão sobre a vida do lugar. Por exemplo, “senhor de engenho”; “cumeeira” tem informação fundamentada sobre o engenho, tornando-o universal. Eles conectam a linguagem com a estrutura de poder. Depois, oxigenam o universo patriarcal. Por exemplo, no universo da religiosidade local, o autor agrega palavras relacionadas aos Santos e festividades com o intuito de mostrar a relação dos personagens com a fé e com as festas locais, agregando, desta forma uma identidade local fundamentada nas relações religiosas e culturais (Vicentini, 2015).

Para Marques (2015), o autor adotou os termos locais para descrever a estrutura do engenho, de modo que esses termos são fundamentais para caracterizar o engenho como um microcosmo da sociedade nordestina, o autor complementa que essa estratégia regionalista ainda se vale de traços linguísticos locais como um método de preservação cultural para carimbar o leitor no mundo da economia açucareira e suas relações.

2.2 A Oralidade na Narrativa

A oralidade é um elemento central de “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, e a natureza deste recurso é crucial para a criação da atmosfera e região e a construção de personagens. A utilização de palavras nativas à região e expressões populares na língua dos personagens significa que a fala dos personagens representa a língua rural da Paraíba, aproximando o leitor das realidades culturais e linguísticas do sertão.

A língua geral deu à obra uma autenticidade que seria impossível sem a incorporação da fala da população do engenho, tornando a obra “Menino de Engenho” não somente uma história da infância de um menino no engenho, mas também a conservação da língua popular nordestina.

A fala dos personagens em “Menino de Engenho” é caracterizada pelo uso de expressões e gírias regionais e construções de frases que imitam a cadência falada

da fala cotidiana. A presença de palavras como “carreiro” e “capineiro” como posição na hierarquia rural e expressões “cangapé” e “cumeeira” são usadas para fortalecer um vocabulário que reflete a fala nordestina exclusivamente regionalmente.

Rodrigues (2016) apresenta que a oralidade é dada pela conexão entre a ficção e a realidade histórica e social do Nordeste, e permite que o leitor desenvolva uma visão especial sobre os hábitos e a vida regional. No caso de “Menino de Engenho”, a oralidade é inestimável para apoiar as especificidades culturais e sociais do sertão nordestino, especialmente em situações em que a interação entre classes sociais, o cenário rural do engenho e a religião regional são explorados.

Na fala dos personagens, sempre há algo expressivo que dá ao leitor a imagem deste lugar, como na fala sobre a família reunida no engenho, uma vez que se fala sobre a “cria da casa” e da “Senzala”. Dessa forma, a oralidade se torna resistência cultural, capturando as palavras das famílias trabalhadoras e dos senhores de engenho e fornecendo a imagem da realidade do Nordeste.

Em comparação com “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, a oralidade utilizada é mais econômica em prol da objetividade e da introspecção peculiar a essa narrativa; a dureza do sertão e a miséria vivida pelos retirantes reflete-se na fala seca dos personagens. No caso, sua migração é desenhada para buscar águas mais próximas ao raso subsolo, e a família de Fabiano mal deixa atrás de si palavras soltas e curtas como “fabriqueta” e “soldado amarelo”.

Para além da autenticidade, a oralidade em “Menino de Engenho” tem como finalidade diferenciar as vozes e as relações de poder entre os falantes. A fala dos trabalhadores, por exemplo, é mais direta e informal e marcante no uso de gírias:

“Nóis tudo aqui só pensa é na lida, no trabalho, seu menino! E o sinhô, venha cá... só quer saber é de mais cana e espantar o cansaço com uns gole de pinga!”

“Seu menino, o senhor tá vendendo a cana lá no fundo? Aquilo é vida dura, é moer a alma todo dia. A gente aqui se vira como pode, mas sempre tem a mão de Deus pra guiar”

Enquanto a expressão do senhor do engenho é menos informal e arriscada, evidenciando o maior grau de formalidade atrelado à sua posição social. O modo de falar torna-se, assim, também, uma forma de expressão das relações sociais e das estruturas de poder:

"Vou mandar chamar aqui o Chico Carpina. Quero saber como isto é mesmo."

"Diga a ele que pra semana começa o corte da cana. E quase sempre mais adiante nós encontrávamos Zé Ursulino de cacete na mão e com a sua saúde bem rija"

"Vá se entregar ao delegado. Eu não acoito criminoso. Se matou com razão vai para a rua. Aqui não quero que fique."

O autor, também faz uso de oralidade e aspectos regionais enquanto narrador da obra, em trechos como:

"Quero água, quero água!" com uma "fala rouca de tísico, arrastando a voz como um bêbado"

"Trabalhavam conversando, bulindo uns com os outros, os mais moços com pabulagem de mulheres"

Para Costa (2015), a polifonia é condição necessária para a análise da oralidade, e neste tipo de escrita, o texto é definido como uma mistura de vozes e perspectivas culturais. A linguagem oral, neste sentido, aproxima a obra da experiência pessoal de Rego em engenhos de açúcar, lugar onde a oralidade era viva e prima para a transmissão de histórias, valores e crenças.

A oralidade ainda é uma tradição viva, que não se limita ao que está escrito, mas na maneira como a história é contada e refeita, possuindo e adotando performance sempre única e carregada de autenticidade e subjetividade. Rodrigues (2016) afirma que a oralidade na literatura é um reflexo lúcido e captura a forma como as pessoas realmente conversam, deste modo, a oralidade também é uma representação do sertão e dos engenhos pelo vocabulário e pronúncia que preserva as nuances culturais e identitárias do povo retratado.

2.3 O Papel da Língua na Construção das Identidades Regionais

A língua desempenha um papel crucial na formação da identidade regional, uma vez que ela não é apenas um meio de comunicação, mas também reflete a cultura, história e realidade social da região. Na literatura, e em particular na tradição do regionalismo brasileiro, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de preservação e expressão da identidade cultural intrínseca à região particular.

O romance de Lins do Rego, “Menino de Engenho”, é um excelente exemplo de como a linguagem molda e contribui para a criação de uma visão autêntica da realidade, pois o autor expressa o dialeto oral pelo uso da linguagem coloquial e expressões específicas do Nordeste, isto é, gírias e expressões comuns na vida da fábrica de açúcar que constituem o foco principal da trama.

Marques (2015) afirma que o Nordeste é uma “constelação de sentidos” que sobre determina a concepção tanto do século XIX quanto do século XX, e a língua é o fator mais influente nos aspectos da vida social e cultural da região. De acordo com ele, a língua é um “universo simbólico” que estrutura o modo de vida da comunidade e a fala e escrita corrente “do local” é um elemento chave desta identidade cultural partilhada.

A língua, nesse caso, representa os estilos de vida e o ambiente local, mas ela também cria uma imagem espelhada de uma realidade social que se torna intrínseca à identidade dos personagens e, portanto, à história em si. Nesse sentido, ela se torna uma ferramenta de resistência sob forma e uma celebração dos avatares locais, que transmitem as qualidades e as características do ser e da vida que definem uma região. Ou, como notou Costa (2015), ao afirmar a diversidade cultural como o principal pacote de identidade nacional, o regionalismo literário frequente antropologiza o predomínio prático do nacionalismo cultural. Ela acrescenta que a língua é um símbolo de energia, e a literatura suporta dialetos na forma de livro deixe isso fixado; viva e retrate suas próprias aldeias”.

Essa visão da literatura tem implicações que vão além da questão da identidade regional; de fato, ela também se aplica a preservar o domínio cultural e linguístico do Brasil, e obras como “Menino de Engenho” não apenas retrata a língua da época, mas também faculta a futuras gerações o processo de compreensão das deficiências e diferenças linguísticas. Para Fiorin (2024, p. 15), “a medição local da fala na literatura facilmente cria uma imagem média da situação social, da roupa e da cultura que foi diretamente recarregada pelos personagens”, demonstrando o quanto a obra está fundamentada na vida deste povo.

Em comum, as mais diversas expressões da língua em termos de linguagem e dispersão local situam a relação do estranho com a singularidade de expressão em sintonia, de modo que a identidade regional é definida como uma parte essencial do ato de perceber a dimensão estipulada em uma imposição linguística social e genuína.

3. A FUNÇÃO SOCIOCULTURAL DO REGIONALISMO LINGUÍSTICO

Nessa seção busca-se discorrer e entender acerca do papel sociocultural do regionalismo e a relação existente entre a obra em análise e outras obras da literatura brasileira. Nesse sentido, já se entende que a língua, enquanto suporte cultural e histórico, desempenha papel preponderante na literatura regionalista, uma vez que está diretamente conectada às relações temporais e sociais nas quais está envolvida (Loss, 2024).

Na obra de José Lins do Rego, esses aspectos linguísticos se destacam pela riqueza de regionalismos e do vocabulário de expressões locais que carregam um sentido histórico no decorrer do romance, que é muito além de simplesmente ficcional. Isso porque, a própria língua utilizada pelo autor, carrega consigo a tradição oral e a fala do povo nordestino, refletindo, assim, não apenas a expressão da fala em si mesma, mas a forma de apreensão de mundo de um contingente social pautado pelo latifúndio e a monocultura do açúcar.

Nesse sentido, a linguagem do texto de Rego propõe-se como um meio de conservação cultural, ao apreender seus vestígios em binários temporais e promover a cultura de uma região de forma transgressora por séculos. De outro modo, “Menino de Engenho” enlaça-se por um elo crítico com a obra de Gilberto Freyre, sobretudo ao utilizar essa mesma linguagem brasileira para sua denúncia e análise.

Assim como em Casa-Grande e Senzala, Gilberto Freyre se debruça sobre as relações de poder e cultura do Brasil colonial e discordam, portanto, do que se propõe. Isso porque, Freyre, diante de um enlace criativo existente entre o escravo cujo o senhor aprecia e ama, acredita que haja igualdade cultural. José Lins do Rego, por sua vez, evoca essa oralidade do senhor no português apresentando a ideia de que o sertanejo permanece um forte e exalta a tradição a partir das desigualdades do Brasil, originada em um contexto descrito outrora por Freyre.

Essa abordagem está alinhada ao que Freyre define como a “revalorização do regional”, defendendo que o regionalismo não é apenas um resgate cultural, mas também uma forma de criticar as estruturas sociais que perpetuam desigualdades (Gomes, 2013).

Na literatura brasileira contemporânea, o regionalismo linguístico permanece como uma marca distintiva em obras que buscam dialogar com questões identitárias e culturais. Autores como Itamar Vieira Junior, em Torto Arado (2019), exploram a

língua como ferramenta de resistência e representação cultural, e da mesma forma que “Menino de Engenho”, Torto Arado utiliza expressões e ritmos da oralidade para construir um espaço narrativo autêntico, ao mesmo tempo em que denuncia as desigualdades históricas do campo.

Essa continuidade do regionalismo linguístico na contemporaneidade demonstra como a literatura brasileira, ao longo de sua trajetória, continua a integrar a linguagem como um elemento vital para a crítica social e a valorização cultural, conectando passado e presente em um movimento de preservação e transformação da identidade nacional.

3.1 A Língua como Registro Histórico e Cultural

A linguagem é, sem qualquer contra-argumento, uma das maiores invenções da humanidade, desde a busca pelas primeiras formas de comunicação, percebemos a busca da humanidade em codificar e transmitir as experiências, os conhecimentos e, em síntese, os sentimentos vividos.

Nesse contexto, a língua aparece como a maior forma de codificação e armazenamento, funcionando plenamente – não apenas como meio de interação – o registro das transformações históricas, sociais e culturais de um povo, pois, “a linguagem é o reflexo da mentalidade e das tradições de uma região, espelhando o caráter histórico e cultural de seus habitantes, já que a linguagem é um espelho. Isto é, a língua não é apenas um meio de comunicação, é nada menos que a memória de um povo (Carreira, 2021).

Ao abordar a língua como um registro histórico, e a memória do povo, entendemos que ela carrega as marcas de períodos, eventos e mudanças sociais – marcando tanto o lexical quanto o nível estrutural. Por exemplo, palavras tomadas diretamente de outro idioma espelham os momentos de contato cultural, a colonização, os processos migratórios.

Em todas essas indicações, a linguagem estabelece-se como mais do que uma ferramenta de comunicação, consolidando-se como um repositório de uma memória coletiva, pois, como afirma Gomes (2013), a linguagem literária revela um universo brasileiro que se mostra em quadro e imagem, problema e drama,

representando o caráter nacional de um povo e a literatura, como manifestação artística, amplifica essa função da língua.

Em obras regionalistas, como “O “Menino de Engenho””, de José Lins do Rego, observamos a oralidade como recurso essencial para registrar a cultura local e as particularidades de uma região. Segundo Proença Filho (2016), a ficção regionalista destaca a linguagem como fator vital na preservação das tradições, especialmente em oposição ao progresso urbano que tende a homogeneizar as culturas. A oralidade retratada no romance não apenas enriquece o texto, mas também perpetua expressões e formas de falar que poderiam se perder com o tempo.

Em respeito à literatura, a valorização das diferenças linguísticas é indispensável para considerar, apreciar e difundir a cultura de um país. A literatura regional do Brasil, que é exemplificada pela literatura de Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, é geralmente um excelente exemplo do uso da linguagem para documentar e criticar problemas sociais e socioeconômicos enquanto celebra as marcas registradas de todos os estilos de vida.

Como afirma Carreira (2021), os regionalistas tornaram a linguagem um instrumento de denúncia e resistência, permitindo ao leitor ver mais claramente a verdade. No entanto, essa afirmação é um fenômeno que não é restrito pela literatura brasileira e pode ser descoberto na literatura internacional. De fato, autores como Faulkner e Gabriel García Márquez, autores de obras como *Som e Fúria* (1929) e *Cem anos de solidão* (1967) também usaram as características exclusivas linguísticas e culturais de sua região para criar histórias que fossem reconhecíveis sem preconceitos, demonstrando que, no momento certo, cada aspecto exclusivo pode tornar-se universal, e a ideia da experiência humana pode funcionar através de culturas e idiomas.

Dito isso, seria um erro resumir o valor das diferenças ao simples romantismo sem mencionar desafios. O uso de línguas dominantes no cenário global levou a uma perda de identidade do idioma e, conseqüentemente, à morte de línguas inteiras. Crystal (2005) aponta em suas pesquisas que uma língua morre a cada duas semanas, destruindo histórias e tradições, o que explica a importância de políticas específicas que projetam a cultura e o idioma minoritário fora do país de origem, sobretudo em um mundo globalizado e interligado por mídias sociais.

Além disso, atualmente, a literatura é um espaço de resistência à homogeneização, e por meio dos livros, muitas línguas e dialetos encontraram uma plataforma para perpetuar e ganhar destaque. No Brasil, várias palavras e expressões regionais inseridas nas narrativas das identidades literárias ajudam a preservar a originalidade e a estabelecer um diálogo intercultural. Essa prática iniciou com romances regionalistas no século XIX e ainda persiste na contemporaneidade em autores, como Mia Couto, que utiliza o português de Moçambique para oferecer uma nova lupa à lusofonia em obras como *Terra Sonambula* (1992). Por fim, a língua como registro histórico e cultural deve ser traduzida em uma meta estratégia pertinente, na qual a sociedade deve investir para garantir o fortalecimento do patrimônio imaterial.

Dessa maneira, a literatura é um elemento chave nesse processo, já que, por meio dela, estão reunidos o passado e o presente, conectando as peculiaridades culturais e linguísticas. Por conseguinte, recomenda-se que escritores, pesquisadores e toda a sociedade devam comprometer-se com constantes movimentos para salvar a diversidade linguística para garantir que todas as vozes de cada povo sejam ouvidas eternamente.

3.2 A Crítica Social por Meio da Linguagem

A maneira como a linguagem é usada para a crítica social em “Menino de Engenho” de José Lins do Rego se relaciona de perto com as condições socioculturais e econômicas da região Nordeste do Brasil, evocando a opressão, a posição e a resistência da narrativa regional. O romance faz amplo uso da riqueza de sotaques e expressões caras aos nordestinos para trazer à tona vozes marginalizadas e representa vividamente o declínio dos engenhos de açúcar como raízes das disparidades sociais internas da região.

Esta abordagem se assemelha à de Gilberto Freyre em *Casa-Grande e Senzala*, que também aborda a exploração degradante e as relações co-determinantes entre senhores e escravos através de uma linguagem efervescente e sensorial. No entanto, enquanto Freyre abordou o assunto de forma mais descritiva e analítica, focando em sua relevância para a formação da nação brasileira, Lins do

Rego expressa sua crítica à distância de sua narrativa pelos olhos de um menino de infância.

Ambos os autores utilizam suas obras, destinadas a abordar o desenvolvimento de uma cultura de violência e submissão, para revelar esta cultura e expressar desaprovação.

Além disso, em diálogo com obras contemporâneas como “A Invenção do Nordeste” de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2021), o regionalismo linguístico emerge como um elemento-chave para a desconstrução de estereótipos e a construção de novas narrativas sobre o Nordeste.

Albuquerque Júnior argumenta que a ideia de Nordeste foi inventada a partir de discursos que fortaleceram sua imagem como uma região de atraso e subdesenvolvimento. Rego, por meio de sua literatura, contribui para essa desconstrução ao apresentar personagens multifacetados e uma linguagem que valoriza a complexidade cultural da região.

A utilização da crítica social pela linguagem, portanto, conecta-se a um esforço mais amplo de reimaginar o Nordeste como um espaço culturalmente rico e politicamente relevante, ao invés de perpetuar visões simplistas ou redutoras. Essa estratégia também se reflete em outras obras regionalistas contemporâneas que continuam a explorar o esforço entre tradição e modernidade, identidade e alteridade, numa constante atualização do papel crítico da literatura.

A oralidade em “Menino de Engenho” e Casa-Grande e Senzala operam como elementos complementares na construção da obra e, embora distinguível, na construção de suas narrativas e na representação de uma identidade cultural nordestina (Basso; Weinmann, 2019). Em “Menino de Engenho”, José Lins do Rego emprega a oralidade como fonte do material íntimo e subjetivo de sua narrativa. Sua linguagem, inspirada na fala nativa do narrador-personagem Carlinhos, refere-se ao universo do engenho através de expressões regionalistas: “*O carro de boi gemia no eito, as moendas rangiam, e as vozes dos trabalhadores enchiam o engenho com suas cantigas de trabalho*” (Rego, 1932).

Tendo em vista que a experiência literária abordou compartilhar a perspectiva de Carlinhos, essa abordagem linguística serviu para aproximar o leitor de seus sentimentos e ambiente cultural. Em “Casa-Grande e Senzala”, a oralidade assume uma abordagem semelhante, situada em outra dimensão: a de expressões populares e histórias coletivas.

Nestes, o legado cultural é destacado através de expressões semiletradas e anedotas transgeracionais, expondo a dinâmica entre senhores e escravizados. O próprio Freyre reconhece isso, descrevendo como os próprios cantos transformaram a cultura do engenho: “Os cantos da senzala e as modinhas que vinham da casa-grande misturam-se num influencismo imaginário que criou a alma do patriarcado açucareiro” (Santos; Silva, 2021). Em outras palavras, enquanto Rego usa a oralidade como uma metonímia de memórias e emoções individuais, Freyre a emprega como ferramenta etnográfica para descrever interações culturais, mas em ambos os casos, a oralidade é demonstrada como uma parte intrínseca e inalienável da complexidade cultural do Nordeste.

A partir da perspectiva de um estudante de Letras, percebe-se que a literatura regionalista, especialmente obras como “Menino de Engenho” e Casa-Grande e Senzala, assume um papel transformador ao colocar o nordestino como figura central da narrativa. Essa abordagem não apenas confere protagonismo a uma população historicamente marginalizada, mas também permite que ela se veja refletida em personagens complexos, que carregam as dores, alegrias e contradições de seu meio. Para os leitores nordestinos, essas histórias se tornam um espelho de suas experiências coletivas, uma forma de reafirmação cultural e de resistência às representações estereotipadas que frequentemente reduzem a identidade regional a uma caricatura. A linguagem rica em oralidade e as descrições do cotidiano, tão presentes na obra de José Lins do Rego, criam uma conexão emocional que resgata o orgulho de ser nordestino e contribui para a valorização da cultura local (Alves, 2006).

Ao mesmo tempo, essa literatura também desempenha um papel didático ao aproximar o brasileiro médio das realidades e sentimentos que permeiam a vida no Nordeste. Obras como “Menino de Engenho” oferecem um retrato íntimo de uma região marcada por contrastes sociais, econômicos e culturais, mas que, através da arte literária, ganha um espaço de expressão universal.

Através das figuras literárias, o leitor de outras partes do Brasil tem a oportunidade de compreender o Nordeste sob uma ótica sensível e humanizada, rompendo com preconceitos e ampliando sua empatia. Essa ponte cultural reforça a importância de uma literatura que transcende seu caráter estético, assumindo uma função social que contribui para a coesão e o entendimento nacional, valorizando a diversidade como uma riqueza do país, fazendo com que a literatura regionalista se

consolida como um instrumento de diálogo e de construção de uma identidade brasileira plural.

3.3 O Regionalismo Linguístico na Literatura Brasileira Contemporânea

A oralidade e o regionalismo sempre desempenharam um papel crucial na literatura brasileira (Alves, 2006), servindo como meio de expressão cultural e resistência social. Desde os primeiros romances regionalistas, como “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, até os mais recentes, como Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, a linguagem continuou a ser uma forma de preservar as memórias culturais e fornecer fontes das quais narrativas e identidades nacionais regionais podiam ser formadas.

Essa tendência reflete o movimento global da literatura brasileira em direção a uma imagem mais equitativa e autenticamente diversificada de si mesma, reconhecendo e glorificando muitas de suas vozes e culturas.

A oralidade persistente desempenha ainda um papel fundamental na literatura contemporânea, ajudando a trazer tradições culturais do passado ao presente, enquanto desafia os limites entre a fala e a escrita, e participa ativamente da criação de textos literários brasileiros contemporâneos, onde a escrita reflete a tradição cultural do autor e revitaliza a narrativa literária (Crystal, 2005).

Autores como Conceição Evaristo, representando o conceito de escrever a realidade vivida, usa a oralidade e a memória cultural coletiva em dois de seus romances: Ponciá Vicêncio (2003) e Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2011), fazendo com que cada história narre a vida de um personagem negro, transmitindo emoção e verdade por meio da representação de oralidade (Evaristo, 2020).

Isso significa que a oralidade não é meramente uma técnica literária, mas um meio de resistência social e manutenção de tradição e cultura (Schiffler, 2017) e autores internacionais, Ngozi Adichie e Chinua Achebe, da Nigéria, também usaram oralidade para conectar suas narrativas ao vasto oceano da tradição oral da África. Em seu “Half of a Yellow Sun”, Adichie utiliza diálogos e histórias ouvidas para narrar a guerra de Biafra a partir de uma perspectiva emocional e pessoal. Achebe, por outro lado, em sua “Things Fall Apart”, usa provérbios e lendas negras para transmitir sabedoria e *éthos igbo*, um meio de transmitir significado e criticar com sátira a narração de autores coloniais (Adams, 2020).

Autores latino-americanos, como Eduardo Galeano, também recorrem à oralidade para questionar e subverter as narrativas históricas oficiais. Em seu livro *As Veias Abertas da América Latina*, publicado em 1971, Galeano usa um tom semelhante à oralidade para narrar o impacto do colonialismo e da exploração no continente, em uma homenagem às histórias contadas em roda em comunidades latino-americanas.

Esse aspecto narrativo aproximado do falar diário e informal também é uma característica de autores como Gabriel García Márquez, que no romance *Cem Anos de Solidão*, de 1967, articula uma narrativa que se aproxima da oralidade ao transitar por elementos da tradição oral popular latino-americana.

Deste modo, esses autores mostram que a oralidade não só resguarda tradições culturais, mas também é uma ferramenta de crítica e resistência política, revisitando e reescrevendo histórias sob perspectivas até então silenciadas. Portanto, a literatura contemporânea reafirma a oralidade como uma ponte entre passado e presente, trajetórias individuais e contextos históricos coletivos.

Essa dimensão oral extrapolou fronteiras geográficas e estéticas e consolidou-se como um elemento universal na literatura moderna e contemporânea, uma vez que uma diversidade de vozes e estilos ativada pelo uso da oralidade revela a riqueza cultural e potencial transformador desse recurso literário.

Na obra “Menino de Engenho”, José Lins do Rego inicia um ciclo literário no qual a oralidade e o regionalismo estão ligados à narrativa, e a linguagem é fortemente marcada por expressões populares e regionais, que dão vida ao engenho e a sociedade.

Itamar Vieira Junior, em *Torto Arado*, retoma e atualiza essas tradições, utilizando a oralidade e o regionalismo para narrar a vida de trabalhadores rurais no sertão baiano. Sua obra é marcada pela voz de personagens que vivem às margens da sociedade, cujas histórias revelam as continuidades e rupturas das estruturas de opressão no Brasil.

A oralidade é uma temática central nessas obras, e utilizada na construção da narrativa, conferindo autenticidade e profundidade emocional ao texto. Um exemplo notável é a personagem Bibiana, cuja fala incorpora ritmos e expressões locais que trazem a vivência do campo para o leitor: “Os dias passavam, e eu sentia nas costas o peso da enxada e no peito o silêncio de quem não pode falar de sua dor”. Essa

conexão entre linguagem e experiência é uma marca distintiva da literatura regionalista contemporânea.

A evolução do regionalismo linguístico na literatura contemporânea também reflete um diálogo mais amplo com as questões identitárias e políticas. Enquanto em José Lins do Rego a crítica social emerge como pano de fundo de uma narrativa lírica e memorialista, em Itamar Vieira Junior ela ocupa o centro da trama, denunciando diretamente as desigualdades e injustiças. Essa transição pode ser entendida à luz do pensamento de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que em “A Invenção do Nordeste e Outras Artes” (1999), em que o autor afirma que o regionalismo literário não é apenas uma representação de uma cultura local, mas um instrumento para questionar e subverter os discursos de poder que moldam as identidades regionais (Souza, 2013).

Além disso, a literatura contemporânea brasileira incorpora novas perspectivas e vozes, destacando povos e grupos que tradicionalmente foram silenciados, como mulheres, quilombolas e indígenas. Conceição Evaristo, com sua escrita marcada pela “escrivência”, ou Daniel Munduruku, ao trazer a oralidade indígena para a literatura nacional, contribuem para essa expansão do regionalismo, conectando-o a uma agenda mais ampla de diversidade e inclusão.

Dessa forma, o papel da oralidade e do regionalismo como ferramentas de representação e transformação continua forte na literatura. E ao comparar “Menino de Engenho” e Torto Arado, percebe-se como a literatura regionalista passou de uma forma predominantemente descritiva e memorialista para uma abordagem crítica e politizada. Ambos se concentram em usar a força da oralidade como memória e resistência.

Rego narra o declínio dos engenhos de açúcar através dos olhos de uma criança, enquanto o texto de Vieira Junior aborda os temas de conflitos de terra e desigualdades sociais no sertão através de uma voz coletiva e política. Isso não só expande o campo da literatura brasileira, mas também demonstra a relevância contínua do regionalismo e da oralidade como formas de representação da realidade. Tudo isso demonstra, que a obra de Rego permanece viva na atualidade, e os problemas retratados no século passado, ainda são uma realidade representada pela literatura contemporânea.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da presente pesquisa partiu do pressuposto central do uso da oralidade e regionalismo na obra “Menino de Engenho” de José Lins do Rego, e esta pesquisa desenvolveu-se por meio da reflexão de que essas estratégias linguísticas podem refletir tensões sociais e culturais do Nordeste, contribuindo para a construção de identidades regionais.

Durante a elaboração do trabalho, buscou-se investigar e discutir sobre as marcas linguísticas regionais formadoras da narrativa e seu papel na construção de um panorama social e cultural da obra, a partir de uma perspectiva de que a oralidade e linguagem popular contribuem para a construção de personagens e ambientes tipicamente nordestinos, e mais do que isso. Por meio de aspectos linguísticos da oralidade, transmitir ao leitor toda a ambientação e vivência de um engenho nordestino.

No que diz respeito a análise da importância da oralidade na construção dos diálogos e das relações entre os personagens observou-se que o autor de “Menino de Engenho” adotou aspectos de oralidade na representação da fala de seus personagens, fazendo com que esse aspecto fosse característica inerente e elemento essencial para a criação de uma ideia de autenticidade e valorização das vozes nordestinas. E expressões faladas ou de contexto local foram utilizadas ao longo de toda a construção, de modo que esses recursos aproximam o leitor da cultura local e da realidade social do engenho, ao mesmo tempo em que diferenciam as vozes dos trabalhadores das dos senhores de engenho.

Essa oralidade que era capaz de separar os contextos culturais e financeiros enriquecem a narrativa, uma vez que permitem a construção de um panorama social em que as relações de poder são evidenciadas e até mensuradas pela linguagem adotada pelo personagem, revelando uma tensão entre tradição, modernidade, cultura, vivência, riqueza e pobreza.

O segundo objetivo, que se constituiu em investigar o modo pelo qual a linguagem expressava as transformações sociais e culturais do engenho e do sertão nordestino, comprovou que a obra de Rego representa a transição de um sistema arcaico, baseado na monocultura da cana-de-açúcar de produção para o trabalho, para uma sociedade em transformação. Vocábulos como “senzala” e “senhor de engenho” estavam impregnados de significados históricos que deixavam evidentes

as hierarquias sociais, enquanto a decadência do engenho, documentada por mudanças linguísticas e comportamentais dos personagens, evidenciava a formação de novas relações econômicas e sociais. Esta dinâmica também é evidenciada na obra contemporânea *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, que emprega a linguagem como mediadora das rupturas e das continuidades de uma realidade viva, marcada pela opressão do campo.

Em relação ao terceiro objetivo, que visava examinar o papel da linguagem como um elemento de conservação e valorização da cultura regional, observou-se que a literatura de Rego constitui um registro significativo das tradições culturais do Nordeste. O uso de expressões idiomáticas e dialetais não apenas incrementa o texto, como também se configura como um instrumento da resistência cultural, guardião da memória coletiva de um povo cuja identidade é incessantemente apagada pelas forças da modernização. Tal prática literária é perceptível em outros autores contemporâneos, como Conceição Evaristo e Daniel Munduruku, os quais, ao valorizarem as oralidades de comunidades marginalizadas, colaboram para a preservação e para a revalorização de culturas locais e indígenas.

A pesquisa permitiu constatar que o regionalismo linguístico na literatura brasileira ultrapassa o seu caráter estético, revelando-se uma ferramenta de crítica social, análise histórica e veneração cultural. Em “Menino de Engenho”, a oralidade se constitui como um elemento nuclear para a construção do discurso narrativo, que resgata e conserva a riqueza cultural do Nordeste, ao passo que expõe tensões e transformações de uma sociedade em crise. Esta proposta articula passado e presente e convida o leitor a perceber a continuidade de uma luta cultural para o reconhecimento e para a valorização dessa cultura.

Na condição de estudante de Letras e enquanto nordestina, a partir dos descritos e resultados observado, é possível reafirmar que a oralidade direcionada à literatura é uma maneira válida de preservação da cultura do lugar, na medida em que assegura que as histórias e as tradições de um povo sejam perpetuadas para fora das páginas e consiga alcançar leitores de diversas partes do mundo e vastas realidades.

Obras como “Menino de Engenho” confirmam que a literatura regionalista cumpre a função de resistência e de reafirmação de uma determinada cultura, espelhando a identidade cultural não apenas do passado, mas das aspirações e dos desafios de uma terra cuja gente se vê obrigada a lutar para resguardar sua

identidade perante a globalização tão acentuada em nosso mundo. Assim, a literatura permanece um espaço primordial para a mediação, inclusão e valorização da diversidade da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, A V. Pan-africanismo literário: o lugar da diáspora africana na educação e na consciência de intelectuais africanos. **O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas**, p. 2257, 2020
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Cortez editora, 2021.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D; M. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ALVES, L. K. Regionalismo nordestino e processo mimético: representação da terra e do homem. *Revista de Literatura, História e Memória*, v. 2, n. 2, p. 25-36, 2006.
- ARENDT, J. C. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 17, n. 2, 2015.
- ARRUDA, M. A. N. Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. **Tempo social**, v. 23, p. 191-212, 2011.
- AZOUBEL, R. et al. A (des) invenção do Nordeste. **Rio de Janeiro: PUC–Sistema Maxwell**, 2006.
- BASSO, F.; WEINMANN, A.O. Casa-grande, discurso do mestre e senzala: interpretação e colonialidade. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 3, p. 133-151, 2019.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de males**, 1999.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins, 1993.
- CARLOS, L. A. M.; LOPES, L. C. V.; SILVA, F. V. Um retrato em preto e branco do sertanejo em O Quinze, de Rachel de Queiroz. **Revista Água Viva**, v. 3, n. 2, 2018.
- CARREIRA, S. S. G. Inscrições do real em Torto arado, de Itamar Vieira Junior. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 12, n. 1, p. 184-198, 2021.
- CARRERO, R. **A Minha Alma é Irmã de Deus**. São Paulo: Global Editora, 1994.
- COSTA, R. R. D. A construção do engenho e a saudade na literatura de José Lins do Rego. *Revista Espacialidades*, v. 8, n. 01, p. 380-385, 2015.
- CRYSTAL, D. **Revolução da linguagem**. Zahar, 2005.
- CUNHA, E. **Os Sertões**. São Paulo: Penguin Companhia, 1902.
- EVARISTO, C. et al. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020.
- FIORIN, J. L. **Linguística? Que é isso?**. Editora Contexto, 2024.

FRAGA FILHO, C. S. Do Modernismo Paulista ao Regionalismo do Nordeste. **Nova leitura crítica de Jorge Amado**, p. 60, 2014.

GOMES, R. P. Tradicional-regionalismo freyriano: a trajetória do intelectual do autor antes de “Casa Grande & Senzala”(1918-1926). **Revista de Teoria da História**, v. 10, n. 2, p. 73-93, 2013.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Romance**. São Paulo: Edusp, 2005.

HOLLANDA, B. B.; MATOS, R.; SANTOS, L. M. B. Cultura judaica, diplomacia cultural e as crônicas de viagem de José Lins do Rego em O Globo (1944-1956). **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, v. 9, n. 1, p. 126-150., 2020

JUNIOR, I. V. **Torto arado**. Todavia, 2019.

LIMA, L. C. **O Brasil então e agora**. Editora Unesp, 2023.

LOSS, D. E. S.; AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e mediação na linguagem musical do candomblé. In: **XXIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação**. 2024.

MAIA, M.; SANTOS, C. D. Bocas tortas: naturalismo sertanejo e literatura das secas no Brasil. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 43, n. 2, p. 90-90, 2023.

MARQUES, H. Ficção, História e Memória em “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego/Fiction, History and Memory in “Menino de Engenho”, by José Lins do Rego. **Patrimônio e Memória**, v. 11, n. 2, p. 52-68, 2015.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1955.

MONTELLO, J. O romancista José Lins do Rego. **José Lins do Rego/Ficção completa**, v. 1, p. 13-46, 2001.

PELINSER, A. T.; ALVES, M. M. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 59, p. e593, 2020.

PICCHIO, L. S. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PROENÇA FILHO, D. A ficção de Adonias Filho: para além da dimensão regionalista. **Especiaria. Ilhéus**, v. 16, n. 29, p. 112-124, 2016.

RODARI, G. **Gramática da fantasia**: uma introdução à arte de inventar histórias. Summus Editorial, 2021.

RODRIGUES, L. P. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: aspectos culturais e formação docente. **Revista do GELNE**, v. 18, n. 2, p. 140-167, 2016.

SANTOS, M. **Por Uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, W.; SILVA, C. R.. A ideologia da democracia racial em Casa-Grande & Senzala. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências**, v. 10, n. 02, p. 108-126, 2021.

SCHIFFLER, M. F. Literatura, oratura e oralidade na performance do tempo. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 2, n. 16, p. 112-134, 2017.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. Editora 34, 2000.

SILVA, E. C. Resistir para existir: uma análise da obra cangaceiros, de José Lins do Rego. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 16, n. 28, p. 154-170. 2018

SOUZA, M. L. G. “Variações sobre o mesmo tema”: regionalismo literário em foco. **Revista Decifrar**, v. 1, n. 2, p. 44-44, 2013.

SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

VICENTINI, A. Apontamentos sobre o regionalismo em literatura hoje. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 8, n. 2, p. 215-220, 2015.